

## **7:1 – Das Jahrhundertspiel (7:1 – O Jogo do Século)**

Christian Eichler, Munique, Droemer, 2015, 285 páginas.

Martin Curi

Universidade Federal Fluminense

Quando vi anunciado a publicação do livro “7:1” na Alemanha, pensei imediatamente no livro “Anatomia de uma derrota” de Paulo Perdigão, sobre a derrota do Brasil contra o Uruguai em 1950. Ambos os livros foram escritos por jornalistas e se dedicam a um único jogo em uma Copa do Mundo, que na opinião dos autores tem tanto significado que merecem ser analisados minuciosamente em 182 ou 285 páginas. E este também é um dos motivos pelo qual achei importante escrever uma resenha em português para uma revista científica, apesar do livro a ser resenhado não ter a proposta de ser científico. Mas o jogo analisado, o “7:1”, contou com a participação da seleção brasileira e, portanto, é importante para os brasileiros. Enquanto os brasileiros estão bastante familiares com os significados tanto da final de 1950, quanto da semifinal de 2014, o livro em questão promete fornecer algumas informações sobre o ponto de vista dos alemães. Portanto, gostaria de propor uma comparação entre os dois livros.

Pessoalmente, gosto muito do livro “Anatomia de uma derrota”, que junta vários documentos e dados sobre a final de 1950. Em capítulos separados, o autor explica para o leitor o contexto histórico da Copa, do jogo e da construção do Maracanã. Também é analisada a tática do jogo, inclusive com diagramas, o autor transcreve a narração do rádio e adiciona algumas fotografias. Logo na introdução, o autor afirma que a derrota do Brasil contra o Uruguai em 1950 foi a grande catástrofe para a nação brasileira, o mesmo afirma que essa derrota foi tão dolorosa que merece até uma análise psicanalítica. Ou seja, Perdigão logo parte para a busca dos significados deste jogo, tanto para ele quanto para o povo brasileiro em geral.

Confesso em um primeiro momento, certa decepção quando o livro alemão chegou na minha casa, devido a estrutura dele ser bem diferente. O autor narra apenas a semifinal de 2014, criando pequenos capítulos de uma a seis páginas, que se referem aos minutos um ao 90 do jogo. Não há diagramas que poderiam explicar o esquema tático, com exceção da escalação na contracapa, não há fotos e muito menos capítulos temáticos. Temia que o autor quisesse narrar o jogo, de fato, o que eu imaginava ser uma abordagem pouco interessante, porém me enganei. Eichler costura análises táticas, reações midiáticas, informações biográficas dos envolvidos e anedotas curiosas na narrativa do jogo. Assim, a escrita do livro alemão me parece ser mais elegante e a leitura foi bastante agradável.

Mesmo assim senti falta de um capítulo introdutório, que se dedica de forma mais profunda aos esquemas táticos dos dois times, que poderia ter estruturado melhor as explicações durante o livro. Por outro lado, acho que se dedica um livro inteiro a um único jogo, devido este jogo tem um significado cultural elevado. O autor dá pistas de quais poderiam ser estes significados, mas não afirma com clareza suas teses. Assim, o leitor precisa ficar muito atento para filtrar as informações que permitem uma reflexão. Por isso, gostaria de me dedicar nesta resenha a estes dois pontos.

Vamos começar com a questão do esquema tático das duas equipes. Eichler abre seu texto logo na quinta página, que é a primeira do texto, com a afirmação que no dia 08.07.14 teriam se encontrado em Belo Horizonte duas linhas de desenvolvimento futebolístico: a linha ascendente do futebol racional, organizado, coletivo e moderno da seleção alemã, e a linha descendente do futebol emocional, individualista, arcaico, e ultrapassado da seleção brasileira. Mas em seguida não explica o que significa para ele estes termos de futebol moderno e atrasado.

A primeira reflexão em relação a escalação, surge relacionada com a ideia de uma linha de defesa alemã com quatro zagueiros (p. 29) no começo do torneio, com o lateral Lahm à frente da defesa. Eichler descreve que o técnico alemão decide depois das oitavas de final recuar Lahm

e, assim, mudar o esquema tático. O autor inaugura dessa maneira seu estilo de apresentar as análises táticas em pequenos pedaços.

A primeira menção de alguma jogada planejada e treinada acontece quando Eichler relata o primeiro gol de Müller (p. 37). Porém, ele não se refere a um esquema tático, e sim, apenas, uma situação de bola parada isolada da estratégia do jogo. Este padrão se repete em cada gol alemão. Ou seja, o autor destaca situacionalmente o que a seleção alemã fez bem e a seleção brasileira fez mal, sem inserir isso no esquema tático. Ele usa também as cenas de gol para destacar alguns jogadores, exibindo as suas qualidades (Müller, Klose, Kroos, Khedira, Lahm e Neuer) ou as suas falhas (principalmente David Luiz).

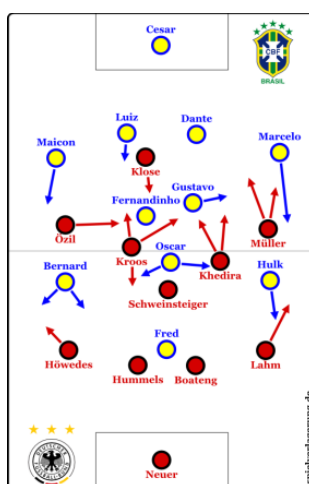
O autor percebe que o público brasileiro no Mineirão escolhe Fred como o vilão da derrota. O que ele não sabe é que depois do jogo, no debate público brasileiro, Dante se torna o maior culpado. Curiosamente, nestas discussões David Luiz foi bastante poupado. O autor alemão discorda disso e chama David Luiz de “sem controle”, “cheio de energia confusa” e “sem plano”. Em seu exemplo, Eichler constrói seu argumento do atraso futebolístico brasileiro, que confiaria de forma cega ou na superioridade futebolística natural ou em deus. Desenhando assim a imagem de um fanático religioso sem ligação com a realidade.

Assim, Eichler constrói no decorrer do livro um esquema tático. Porém, acho que seria mais adequado começar o livro com um capítulo sobre o esquema tático, inclusive, utilizando desenhos para explicar a ideia geral de ambos os técnicos. O autor faz isso apenas uma vez, quando coloca a escalação na contracapa, aonde ele desenhou um esquema 4-3-3 com os três atacantes Özil, Müller e Klose. E esta afirmação é polêmica, porque muitos, inclusive eu, percebemos Özil e Müller como jogadores de meio de campo. Antes da Copa do Mundo, houve uma discussão na Alemanha sobre a falta de atacantes, aonde logo em seguida, Löw decidiu levar Klose, um atacante de 36 anos. Ninguém sabia se ele ainda teria forças para aguentar uma Copa do Mundo. Por isso, muitos alemães questionaram se seria possível ganhar uma Copa sem atacantes.



Esquema tático em “7:1” de Eichler.

Por isso, se analisa que a seleção alemã jogou com cinco meio-campistas, que conseguiram mudar constantemente a posição entre si. Inclusive, Eichler cita várias vezes o site *spielverlagerung.de* que se dedica a análises táticas. Este site oferece vários diagramas das posições e defende que a Alemanha jogou com um 4-5-1. Esta discussão seria fundamental para o entendimento do jogo e para explicar o que Eichler entende com futebol moderno e atrasado.



Esquema tático em *spielverlagerung.de*

Recordei-me de uma citação do famoso ex-jogador Sammer, que disse “Nós alemães não sabemos nada de tática”. Ele se referia a falta de discussão sobre esquemas táticos tanto nas

escolas de técnicos, quanto em jornais. Não há o costume de discutir este assunto na mídia. Pode ser que Eichler, que trabalha pelo jornal FAZ, não ousou se aprofundar e compactar mais esta temática, pensando no público alemão.

Chegamos ao ponto dos significados culturais do jogo. Eichler se mostra bastante informado em relação aos detalhes da história do futebol brasileiro, anedotas futebolísticas, comentários na imprensa brasileira, o contexto político do momento e traduz até gritos da torcida brasileira. Por exemplo, julga as palavras de ordem contra a presidente Dilma como obscenas e mal educadas.

Em certo momento do livro, cita Nelson Rodrigues, que afirmou que a Copa de 1950 teria sido o Hiroshima da nação brasileira e Carlos Alberto Parreira que comparou o 7:1 com o 11 de setembro. Ao invés de se perguntar por que estes brasileiros fazem este tipo de comparação, o autor julga as afirmações como exageradas e emocionais. Mas este teria sido o momento no qual ele poderia ter analisado um pouco mais porque tanto 1950, quanto o 7:1 são momentos tão difíceis para o Brasil. As citações indicam que estamos falando de mais do que “apenas” um jogo de futebol. O tratamento que o autor dá a estas informações indica que ele separa claramente o jogo de outras esferas da vida social. E assim revela que o futebol é muito importante para a Alemanha, mas não tem o peso para a identidade nacional que tem no Brasil.

Voltamos para a comparação entre “Anatomia de uma derrota” de Paulo Perdigão e “7:1” de Eichler. Como já mencionado os dois livros tem muito em comum, mas a maior diferença é que enquanto Perdigão reflete sobre uma derrota, Eichler analisa uma vitória. De fato, é curioso como se discute no Brasil até hoje, principalmente, as derrotas de 1950 contra o Uruguai, de 1982 contra a Itália, de 1998 contra a França e provavelmente a partir de 2014 contra a Alemanha, e não as cinco conquistas de Copas do Mundo. Inclusive, sobre as duas primeiras existem muitos livros no Brasil.

Ao contrário disso, o acontecimento chave da história futebolística alemã é a vitória contra a Hungria em 1954. O próprio Eichler cita outros jogos considerados heroicos, como a

vitória contra a Inglaterra em 1972 (na Eurocopa), contra a Holanda em 1974, contra a Argentina em 1990 e contra o Brasil em 2014. Há uma importante exceção que é a semifinal da Copa de 1970, na qual a Alemanha perdeu contra a Itália por 3:4, com 5 gols na prorrogação. Qualquer torcedor de futebol alemão sabe que o termo “jogo do século” (Jahrhundertspiel) usado por Eichler no subtítulo, se refere tradicionalmente a este jogo. Mas em todos estes casos a narrativa alemã é que o adversário é gigante e que a vitória alemã tem que ser considerada um milagre da superação. Até na semifinal contra a Itália, a chegada à prorrogação foi considerada um exemplo dessa superação. O símbolo desse feito foi o braço machucado de Beckenbauer, que terminou o jogo com o braço amarrado ao tórax.

Todos estes adversários representam algo importante na história do futebol: a Hungria era considerada a melhor seleção da sua época com o craque Puskas, a Inglaterra como inventora do futebol e que nunca tinha perdido contra a Alemanha em casa, a Itália com seu catenaccio, a Holanda com Cruyff e o carrossel laranja, a Argentina com a mão de deus de Maradona e finalmente o pentacampeão Brasil. Na verdade, é curioso porque Eichler fala do futebol moderno alemão que seria organizado e coletivo, como se isso fosse alguma novidade. Em todos os exemplos de superação, a narrativa é que um time alemão considerado inferior conseguia vencer um adversário supostamente superior por causa das suas qualidades coletivas e organizacionais.

Enquanto os outros jogos citados sempre terminaram com resultados bastante apertados: 3:2, 3:4, 3:1, 2:1 e 1:0, o jogo contra Brasil teve um placar bastante elástico. Assim, Eichler descreve em vários momentos do seu livro as reações dos alemães que expressam incredibilidade. O jogo teria “surpreendido e sobrecarregado” (p. 5) os envolvidos e espectadores. O jogador substituto Erik Durm teria dito “Nós no banco olhamos sem acreditar um para o outro: é realmente verdade?” (p. 108). Em seguida, relata que Philipp Lahm resume que os jogadores se prepararam para um adversário com a mesma qualidade e que seria um jogo necessário lutar até o último minuto. Mas o placar depois de 30 minutos teria causado mal estar:

“Isso foi angustiante, eu não estava eufórico. Ninguém quer que o adversário faz erros que neste nível não acontecem” (p. 109).

Eichler interpreta a reação dos jogadores alemães como uma mistura de incredibilidade e humildade: “Os alemães então: bem alemão. Depois de um jogo para o diário das estrelas do futebol, quando outros teriam se lançado na órbita das emoções, eles estão com ambas as pernas no chão. Não falam muito de festejar, mas de trabalhar.” (p. 274). Na opinião do autor esta seria uma qualidade alemã, ainda mais considerando que ainda faltava a final. Assim ele cita Löw, Klose e Neuer que teriam dito que a seleção precisava continuar trabalhando duro. Finalmente o autor lembra de mensagens no twitter de Özil e Podolski, nas quais os dois jogadores mandam palavras de conforto para os brasileiros, como se quisessem se desculpar pelos acontecimentos (p. 277).

Mas o significado central do “7:1”, Eichler já indica na capa, onde ele escreve: “Quando o mito brasileiro quebrou e a quarta estrela da Alemanha acendeu”. E na página 242 acrescenta: “Os jogadores brasileiros perdem nesta noite não apenas um jogo, mas o mito. Eles não têm atacantes, nem conquistadores, nem aventureiros. Apenas defensores inflexíveis e trabalhadores dedicados no meio de campo. Para isso não precisamos do Brasil. Estes jogadores se encontram em qualquer lugar”

Assim, podemos juntar os indícios que Eichler nos oferece em várias páginas do seu livro e suspeitar que o significado do “7:1” para os alemães é a destruição do mito brasileiro, ou seja, a imaginação de um país que tem o futebol artisticamente perfeito. Visto dessa maneira o resultado não é feliz. Um jogo com drama e luta, no qual se derrota o adversário superior com as qualidades de coletividade e organização teria sido mais desejável. Como isso não aconteceu, os envolvidos se mostraram bastante incrédulos.

O autor não entende a importância que o futebol tem para a construção da identidade nacional brasileira. Enquanto o futebol é um pilar fundamental na autointerpretação dos brasileiros, a mesma coisa não acontece na Alemanha. Os alemães são retratados pelo autor

como pessoas humildes, com espírito coletivo e organização. Essas seriam qualidades nacionais que devem ser mostradas também pelos jogadores da seleção, mas se eles perdem ou ganham isso não afeta a autoestima nacional. Assim, as vitórias que poderiam evidenciar a superação alemã são a espinha dorsal da narrativa futebolística alemã e as derrotas surpreendentes são o fio condutor da narrativa brasileira.

Esta é uma tentativa de interpretação minha a partir dos indícios que eu encontrei no livro resenhado em comparação com o livro “Anatomia de uma derrota” de Perdigão. Senti falta que Eichler não começou seu livro com um capítulo dedicado a análise tática das duas seleções, nem terminou com um capítulo refletindo sobre os significados culturais do jogo. Mas gostei do livro por sua leitura fluida e elegante, que apresenta os dados que fizeram a presente análise possível.